

Consciência e cultura ecológica

Maurício Andrés Ribeiro(*)

A história do planeta Terra testemunhou a evolução da matéria para a vida e para a consciência. Nesse momento, vivenciamos múltiplas crises, em escalas variadas: há uma crise da evolução, uma transição do estágio terminal da era cenozóica, a era dos mamíferos, para um novo momento, o da era ecozóica. Essa crise é indicada pelas mudanças climáticas e pela extinção acelerada da biodiversidade. Há uma crise da evolução da espécie humana, o *homo sapiens* mutante para o *homo ecologicus*; uma crise ecológica, com a degradação ambiental; há crises culturais, civilizatórias; uma crise energética ou do petróleo, com o esgotamento de fontes de energia e questionamentos da matriz energética; uma crise de excesso de confiança que se transmutou numa crise de falta de confiança, de falta de crédito, numa crise financeira, econômica e social; há também crises políticas, com a instabilidade de governos incapazes de encarar e enfrentar as demais crises; há crises de relacionamento interpessoal e ainda crises pessoais, psicológicas.

A consciência do *homo sapiens* é um fator vital para o rumo que tomará a evolução neste planeta. Pode agravar a crise ecológica, precipitar e acelerar a destruição. Por outro lado, pode criar condições para o despertar para uma vida ecologicamente consciente e responsável. Saber o que é consciência, o que é consciência ecológica, e aplicar esse saber na vida cotidiana será essencial para a vida responsável, na era que se inicia. O ser humano condiciona a matéria: com o paisagismo, a jardinagem e a agricultura, condicionamos os vegetais e as árvores; transformamos a terra e os minerais ao construir cidades, casas, estradas; transformamos os rios em canais, represas, reservatórios; treinamos os animais por meio da domesticação, fazendo-os repetir padrões de comportamento e criando os reflexos condicionados, estudados por Pavlov.

Vimala Thakar, escrevendo sobre Raja Yoga, aborda os condicionamentos da mente, da estrutura de pensamentos e seu papel. Ela observa que corpos, palavras e mentes são condicionados, educados. Pela repetição, aprendem-se a gramática e as palavras, os hábitos cotidianos básicos, como usar garfo e faca, por exemplo. O condicionamento nem sempre é negativo, limitante. Exercícios mentais e jogos estimulam a inteligência e o gosto por aprender. Por meio de exercícios do corpo, de posturas, aprende-se como usar a palavra, o som. Nesse contexto, cabe refletir sobre a relação entre consciência e cultura.

A cultura molda, forma, regula a qualidade da consciência. A consciência coletiva e individual passam por filtros sociais, culturais, e por circuitos de programação mental. A consciência individual é condicionada pela história pessoal e também pela identidade de religião, raça, língua, nacionalidade, profissão; é influenciada por elementos culturais, ideológicos, econômicos e sociais e por mudanças no humor e no estado de espírito. A realidade externa e o meio ambiente são um mesmo objeto percebido e interpretado de formas distintas de acordo com os filtros sociais, culturais, e as motivações pessoais. Esses filtros culturais são condicionantes. Ao se trocar o filtro, troca-se a imagem que é percebida. Por outro lado, nossa consciência é abastecida por informações e linguagens, pela cultura, a educação, a comunicação, a percepção sensorial, pelas sensações.

Pode-se aprender a condicionar ou a descondicionar a mente e o movimento do pensamento. Não se podem destruir os condicionamentos, mas pode-se em boa medida tomar distância de suas garras, de sua dominação. A cultura – incluídas as artes, ciências, manifestações religiosas ou ideológicas -, pode expandir a consciência, libertá-la; por outro lado, pode atrofiá-la, escravizá-la. Desidentificação, distanciamento crítico, visão analítica são sinais de liberdade, de autonomia do sujeito; já os condicionamentos cultural, religioso, de educação, os hábitos arraigados, o condicionamento social e político por meio das influências da TV, mídia, formadores de opinião, líderes religiosos e políticos ou gurus, que atuam de fora para dentro, podem significar limitação, prisão, dependência.

Condicionamento e descondicionamento fazem parte da dinâmica de alterações da consciência. À medida que se evolui no autoconhecimento e no conhecimento das realidades, pode haver descondicionamento, quebra de tabus ou de convenções. Exercícios de descondicionamento são valiosos para libertar a consciência condicionada pelos preconceitos e pelo ambiente cultural, natural ou social em que atua. Descondicionar é um exercício com a consciência, que implica suspender julgamentos, não se deixar levar por aversão ou simpatia pessoal, exercer o desapego e o desinteresse em relação a resultados de ações, descolamento cultural e desidentificação; enfim, pode significar libertação.

A vazão e o fluxo da consciência se assemelham à vazão e fluxo da água ou dos gases. Como a água, a consciência pode ser turva ou límpida. Quando tranquila, atua como um espelho d'água e reflete a realidade com clareza e lucidez. Quando perturbada - por ondas, eventos externos ou estados emocionais – pode perder a nitidez e a clareza e sofrer profundas distorções. Assim, a consciência adapta-se ao contexto e ao ambiente natural, social, cultural, visando aumentar as oportunidades de sobrevivência. Como um camaleão, adquire a coloração do ambiente, para nele melhor se integrar. O comportamento adaptativo busca a coevolução com os demais elementos do ambiente. Entretanto, este processo de adaptação, levado a extremos, pode reforçar normoses sociais e coletivas. Conforme define Pierre Weil, *“normose é o conjunto de normas, conceitos, valores, estereótipos, hábitos de pensar ou de agir aprovados por um consenso ou pela maioria de uma determinada população e que levam a sofrimentos, doenças ou mortes; em outras palavras, que são patogênicos ou letais, e são executados sem que os seus atores tenham consciência desta natureza patológica, isto é, são de natureza inconsciente. As normoses são estágios ainda não percebidos pela sociedade como doenças, tais como as neuroses ou psicoses.”*

Nesse momento da evolução humana e do planeta, saber descondicionar-se das normoses sociais ecologicamente destrutivas e migrar para formas de consciência e para atitudes individuais e sociais ecologicamente amigáveis pode ser o elemento central que fará a diferença entre o colapso e a capacidade de sobreviver com qualidade. A consciência humana exercida ativamente é crucial para entrarmos na era ecosófica da história da Terra.

(*)Autor de Ecologizar; Tesouros da Índia; Ecologizando a cidade e o planeta.
WWW.ecologizar.com.br mandrib@uol.com.br